

## A INTERAÇÃO VERBAL EM SALA DE AULA: LEITURAS BAKHTINIANAS SOBRE O LUGAR DA PALAVRA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

THE VERBAL INTERACTION IN CLASSROOM BAKHTINIAN READINGS ON THE  
PLACE OF THE WORD IN THE TEACHING/LEARNING PROCESS.

Agildo S. S. de Oliveira  
Vânia Lúcia M. Torga  
Maria D’Ajuda A. Ribeiro  
UESC

*“Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. [...] A palavra é o território comum entre o locutor e o interlocutor” Bakhtin/Voloshinov.*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo geral propor uma reflexão sobre o lugar da palavra na interação verbal em sala de aula. Duas importantes concepções são discutidas aqui, a palavra e a interação verbal, além da linguagem. Tais discussões terão apoio no pensamento bakhtiniano e seus pares sobre as categorias citadas. Para o autor russo, a interação é a própria concepção de linguagem, enquanto a palavra é a sua principal mediação. Ainda para Bakhtin, quando interagimos, sempre fazemos isso de um lugar, que é só nosso, e, a partir dele, lançamos nosso olhar sobre o outro permeado de valores, axiologias essas que têm como ponte de transmissão a palavra, que não por acaso é considerada o signo ideológico por excelência. É a partir dessa visão que procuramos mostrar essa relação “palavra e interação verbal em sala de aula”, tendo como principais interlocutores professores do ensino básico. A razão dessa escolha é justificada por entender que tanto a

interação quanto a palavra cruzam o cotidiano escolar, bem como o da nossa vida. Por uma questão ética, os resultados do trabalho trazem uma contribuição social direta, que é colaborar na educação pública. Para que os objetivos fossem alcançados, buscamos fundamentação teórica em Bakhtin/Voloshinov (2010), Bakhtin (2010; 2011), Faraco (2010) e Stella (2008).

Palavras-chave: Interação verbal; Palavra; Ensino-aprendizagem.

**Abstract:** This present work has as its general aim to purpose an accuracy reflection on “the place of the word when in verbal interaction in classroom”. Two important conceptions are focused here: the word and the verbal interaction, also the language. Such discussion on them will receive the support of Bakhtin thoughts and his partners on the already mentioned categories. To this Russian author the interaction is the language conception itself and the word is its main mediation. Besides, according to him, when in interaction we always do it in a place, which is just ours, and from where we launch our look over the other, it naturally permeated of values, axiologies that have as their transmission bridge the word, which is not by chance that it is considered the ideological sign par excellence. Thus, It is from that vision we attempt to show the relationship “the word and verbal interaction in the classroom”, having as the main interlocutors the teachers from Elementary school. The reason for this choosing is justified in understanding that both interaction and word cross the school routine, as well as our lives. For an ethical issue the results here attempt to bring a direct social contribution, which is to collaborate to the public education. So that the objectives were achieved we seeked the theoretical basis in Bakhtin/Voloshinov (2010), Bakhtin (2010; 2011), Faraco (2010) e Stella (2008).

Key words: Verbal interaction; Word, Teaching/Learning process.

## 0. INTRODUÇÃO

Atualmente têm-se desenvolvido inúmeros trabalhos na área da linguagem que concebem a língua como uma

unidade viva do mundo social. Tal entendimento leva em consideração que essa unidade só pode ser analisada quando relacionada a outros fatores extralinguísticos, que estão situados social e historicamente em um mundo habitado e construído por sujeitos ativos que utilizam a linguagem transformam-na, a partir de uma atividade socialmente organizada e concreta, ou seja, pela interação verbal.

Só entendendo a linguagem como dinâmica, o sujeito poderá entender-lhe as formas e funções. Essa compreensão de pensamento sobre a linguagem é conhecida na Linguística como funcionalista, uma vez que concebe a língua, enquanto enunciado, unidade da comunicação verbal, como uma interação.

As contribuições de estudiosos, que não necessariamente linguistas, são significativas, especialmente quando procuramos refletir a linguagem como vida singular e concreta. Nesse artigo, temos como bússola teórica o pensamento sobre linguagem do filósofo russo Bakhtin e de seu produtivo Círculo. Para eles, a linguagem não pode ser encarada como imanente, logo monológica, senão como dialética, logo dialógica. Assim, é a partir das discussões desse Círculo e de sua figura maior, Bakhtin, que discutiremos a interação verbal em sala de aula e como a palavra funciona nesse espaço.

O presente artigo tem as seguintes seções: “Interação verbal: algumas considerações”, onde discutiremos o

entendimento do Círculo acerca da interação, bem como da singularidade do sujeito em seus atos de fala, da concretização da linguagem e do caráter dialógico da linguagem. No segundo ponto, intitulado “A dinâmica da interação em sala de aula”, discutiremos como ocorre a interação em sala de aula e sua complexa diversidade. A terceira parte, “A palavra no início, no fim, no meio... de tudo”, mostrará como a palavra tem lugar de destaque em qualquer interação verbal humana e, por último, teceremos nossas considerações finais acerca do tema.

## **1. INTERAÇÃO VERBAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Falar de interação do lugar de professor, principalmente de línguas, parece ser algo necessário, tanto é que, se inquirido sobre o que vem a ser linguagem, teremos quase que unanimemente sua concepção atrelada à interação. Assim, não seria arriscado dizer que uma tornou-se sinônima da outra. Entretanto, se insistirmos no inquirido e pedirmos o significado de interação, talvez o resultado não seja o esperado, obrigando-nos a considerá-lo insatisfatório.

Não nos valemos do lugar em que estamos, para julgar a prática dos professores do ensino básico. Pelo contrário, nosso objetivo é refletir juntamente com ele(s) a importância de entendermos a concepção que abraçamos e que atravessa o nosso cotidiano profissional, familiar, social, enfim, que cruza nossas vidas. É por essa razão que tal noção foi trazida

para as práticas docentes. Isso não quer dizer que, antes da posse desse entendimento, não havia interação. Ela sempre existiu, ainda que não a vislumbrássemos como hoje.

Outro ponto a ser esclarecido é que o entendimento de interação aparece em alguns estudos sobre a linguagem, dentre eles: Mead (1863 – 1931), Hegel (1807), Lévinas (1906 – 1995) e FARACO (2010, p. 144 – 157). Porém, nosso texto buscará apoio nos pensamentos de Bakhtin e do seu Círculo, bem como nos de seus pares contemporâneos.

Para Bakhtin e seu Círculo, linguagem é a própria noção de interação – salientamos que, quando as pessoas empregam a combinação linguagem-interação, recorrem a esse entendimento, mesmo quando não o conseguem situar cientificamente –, isso porque a interação é atividade e toda e qualquer atividade desenvolve-se em uma ação concreta de linguagem, que é sempre singular (BAKHTIN, 2010). A tessitura desse texto, por exemplo, dá-nos a dimensão do que o Círculo compreende, pois nós estamos situados em uma ação concreta, porque não ilusória, nem ilustrativa, em que a linguagem ao mesmo tempo em que ganha, dá e é vida, ou seja, ela existe.

Como evento singular, esse Ato não mais se repetirá, pois jamais haverá outros “nós” nos mesmos tempos e espaços que ocupamos. Ainda que voltemos para lermos esse texto e reescrevê-lo, já não o faremos nos mesmos tempos e espaços e nem seremos mais os mesmos, pois a tessitura dele

nos alterou de tal maneira que, ao sairmos dele, já não seremos mais os mesmos. Outra noção cara a Bakhtin e que o acompanha sempre é o caráter ético que atribui à linguagem. Vejamos: se nós somos singulares, porque não existirá outro eu nos mesmos tempo e espaço, então todos os meus Atos dizem respeito a mim e só eu posso assumi-los. É assim que a filosofia bakhtiniana se faz presente em nossas vidas.

É em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* que o tema da interação aparece com mais consistência, em específico no capítulo VI, intitulado *A interação verbal*. Bakhtin/Voloshinov iniciam a discussão expondo a maneira como os românticos entendiam a expressão. Para eles, essa expressão nada mais era que o resultado de uma atividade mental interior que se vinculava diretamente ao subjetivismo individual, é como se a expressão da consciência fosse um ato puramente individual, atendendo a seus próprios anseios. Tal individualismo marcou a corrente romântica bem como denunciou o caráter monológico da enunciação. É nesse sentido que Bakhtin/Voloshinov refutam tal ideia.

Para os autores, toda expressão entendida como [...] tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo individual do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 115) suporta dois aspectos, a saber: uma interior, que é o conteúdo, e outra que lhe é exterior, a objetivação para

outrem. Isto é, toda expressão é dialógica, pois se constitui numa relação. Assim, para os filósofos russos,

o centro organizador e formador não se situa no interior, mas no exterior. Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 116)

Assim sendo, é a situação social mais imediata que determinará o aspecto da expressão-enunciação.

É partindo dessa concepção que os estudos do Círculo foram desenvolvidos. Importa para nós trazer ainda outras considerações decisivas para alcançar os objetivos propostos neste estudo. No que toca à interação, devemos dizer que ela traz como produto a enunciação, por isso chamamos acima, recorrendo ao texto de Bakhtin/Voloshinov, “expressão-enunciação. Se todas as nossas expressões se dão em atos de fala, tais atos são socialmente estruturados e têm como atores centrais o locutor e o interlocutor. Tais atores são relevantes à dinâmica da expressão, isso porque toda palavra é dirigida a um deles, o interlocutor, assim: “A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa do interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 116).

Se a palavra, como expressão, dirige-se a um tu, então esse tu também será significativo na sua arquitetura e esse interlocutor sempre ocupará um lugar na estrutura social – é o pai, a mãe, o filho, a irmã, a professora de Língua Portuguesa, de Matemática, Filosofia etc. Logo todos esses aspectos sociais são relevantes para o processo de a atividade mental produzir e externar uma expressão. Em resumo: a expressão não pode ser encarada como um subjetivismo individual e interior, logo monológico, mas sim como social, exterior e dialógico.

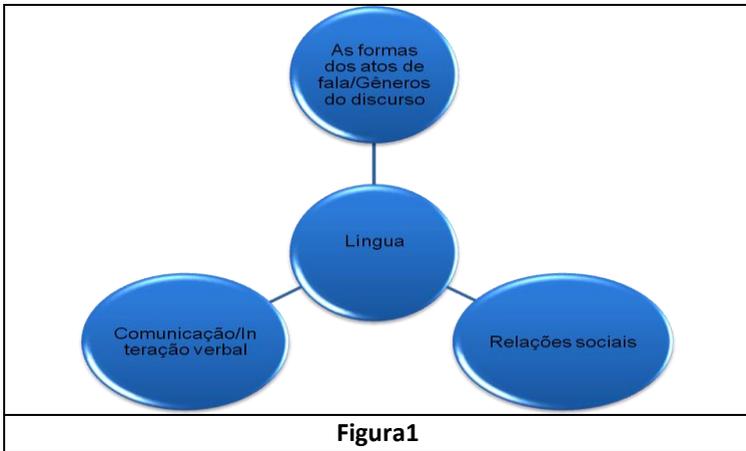
É nessa direção que os autores afirmam ser a substância da língua constituída pelo caráter social da interação verbal, pelas enunciações. Tais afirmações são trazidas também como resposta negativa à concepção de língua como forma abstrata<sup>17</sup> e como uma enunciação monológica, é só lembrarmos que “A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.” (BAKHNTIN/VOLOSHINOV, 2010, p. 128)

Como pensar a dinâmica da evolução da língua nessa arena? Os autores nos dão as suas respostas. Para eles, ocorrem os seguintes passos: i) as relações sociais evoluem; ii) a comunicação e a interação verbal evoluem no quadro das

---

<sup>17</sup> Essa resposta negativa refere-se à concepção estruturalista da língua, que tem como seu maior representante Ferdinand Saussure.

relações sociais; iii) as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal. Tais processos se refletem em mudanças das formas na língua. Traduzindo em imagens teremos:



Um exemplo dessa dinâmica é eficaz quando refletimos sobre nós ontem e hoje. Até pouco menos de vinte anos as nossas relações sociais eram menos complexas que as de hoje, a comunicação entre uma pessoa que vive na Bahia e algum familiar seu que viva em São Paulo fazia-se via telefonema e cartas. No entanto, hoje as relações sociais são mais imediatas – e intrincadas – e a evolução da língua acompanhou essas complexidades. Para nos comunicarmos com alguém que está em outro lugar, valemo-nos da internet. Com essa ferramenta, não enviamos carta, mas sim mandamos mensagens; com o telefone, não só falamos, mas

também mandamos torpedos, pois a sociedade pede interações mais imediatas. Em um tempo ou em outro, a língua se faz presente nessa mediação, mas claro que acompanhando as transformações da sociedade, da comunicação, da interação verbal, como das formas dos atos de fala.

Já temos condições de dizer, em síntese, que o Círculo considera a interação verbal como toda atividade concreta de linguagem, toda ela sempre situada num meio social definido e estruturado, por sujeitos igualmente situados socialmente. Ele pondera, ainda, que há uma relação dialética interação-linguagem, pois, se toda ação humana é linguagem, não podemos desconsiderar que uma atua sobre a outra. Todos os elementos que circulam a interação têm um vínculo direto com a sociedade.

## **2. A DINÂMICA DA INTERAÇÃO EM SALA DE AULA**

As atividades de linguagem que se desenvolvem na escola e, principalmente, em sala de aula levam em conta a instituição escola. Levar em consideração que sempre se diz de um lugar específico é crucial para que se possa ou não dizer alguma coisa. Essa percepção exterior conduz o processo interior, é isso que os autores russos afirmam. Se compararmos a interação na sala de aula de hoje com a da metade do século passado, concordaremos que a dinâmica

era outra, a maneira como a interlocução era desenvolvida certamente era diferente.

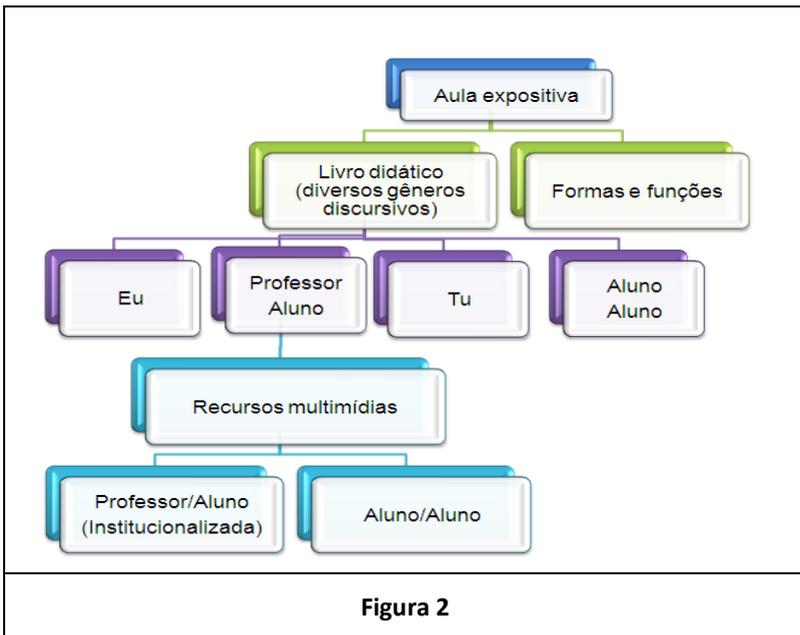
Retomando a percepção da instituição escola, sabemos que ela tem uma força veemente para robustecer valores. Não por acaso, é tida por Althusser (1980) como um dos mais ativos aparelhos ideológicos do estado<sup>18</sup>. É na escola que se institucionaliza o certo e o errado, o não e o sim, a língua, o espaço, o tempo, a vida, o homem, a sociedade e a cultura. É nesse mesmo lugar que se institucionalizam o dizer e o silêncio, pois, quando nós, professores, falamos que a construção “os meninos” está correta e “os menino” está incorreta, nós oficializamos o que pode ser dito e todas as outras possibilidades são coercitivamente silenciadas; em outros termos, agregamos valores. De outro modo, quando nós argumentamos que tanto “os meninos” quanto “os menino” são construções possíveis e aceitáveis, a depender claro da interação, nós não mais permitimos que o silêncio se instale, nem que, por detrás desses ecos silentes, tantas pessoas sejam objetificadas.

O entendimento do processo e da dinâmica da interação em sala de aula parece ser simples, alunos e professor, mas não é bem assim. Retomando os preceitos de Bakhtin e de seu Círculo, a atividade de linguagem é sempre estruturalmente organizada – não podemos perder de vista

---

<sup>18</sup> Para um aprofundamento no assunto consulte: ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. 3. ed Lisboa: Presença, 1980.

isso – e tem como principais atores o locutor e o interlocutor. Frisamos ainda que, para o grupo, a atividade verbal é infinita e ramificada, não é adâmica; quando uma interação é finalizada, ela dá início a tantas outras. Numa sala de aula, a interação tem como principal ato de fala a aula expositiva. É nessa arena que se desenvolve a dinâmica representada abaixo:



A aula expositiva suporta toda a interação em sala de aula. Numa cadeia discursiva, o gênero aula é mediado por tantos outros gêneros, muitos deles compõem o livro didático

adotado pela disciplina, seja ela de Língua Portuguesa, Geografia, História ou outro componente curricular. Nas aulas de Língua Portuguesa no 6º ano do Ensino Fundamental, por exemplo, os alunos estarão diante de contos, fábulas, piadas, anedotas, biografias, quadrinhos; nas aulas de Geografia, também estabelecerão relações de sentido com o mapa, planta alta, planta baixa, gráficos, tabelas, reportagem; assim como de notícia, lenda, mito, diário de viagem, resumo e outros gêneros, nas classes de História.

Como já afirmado acima, as relações travadas a partir dos gêneros ocorrem sempre entre os dois agentes da interação verbal, o eu e o outro. Tais atores da interlocução são vários: num primeiro plano, é o professor (eu) e o aluno (tu); em outro, é aluno (eu) e aluno (tu), ou seja, entre os colegas da classe; igualmente, podemos conceber a relação aluno (eu) e texto (tu). Essas interações dão-se pelas relações dialógicas em que ocorrem ininterruptas alternâncias dos interlocutores, o professor que assume o papel do eu já assumiu o papel do tu em tantas outras interações e, em sala de aula, quando se calar, ouvirá o aluno, que deixará de ser o tu e passará a ser o eu. Assim acontece com todos os outros eu e tu em qualquer interação verbal.

Os gêneros que compõem os livros didáticos são diversos em suas arquitetônicas: tema, estilo e composição, isso porque cada forma típica de enunciado pressupõe uma atividade de linguagem concreta diferente, ou seja, cada

gênero atende a um projeto discursivo específico. Como exemplo, o gênero notícia é diferente do editorial, que, por sua vez, difere da reportagem, da propaganda, dos classificados. Levando em consideração as arquitetônicas dos dois primeiros gêneros, teremos: a notícia é um gênero construído por um tema atual, porém as informações narradas geralmente são ações do passado, como principal estratégia discursiva, ancora-se na objetividade, sua composição é sempre textual, não se explora tanto a imagem como na manchete ou na reportagem; já o editorial tem como tema um assunto polêmico e atual, como estratégia discursiva, vale-se de bons argumentos para validar seu ponto de vista e sua criticidade. Se na notícia o locutor narra, no editorial ela argumenta, assim como a notícia a composição é textual, o locutor, geralmente, não utiliza imagens. Levando ainda em considerações as vozes que cruzam cada gênero e cada situação, veremos que essa tessitura é bem arrematada e, desse modo, conseguimos entender a complexidade das diferentes formas de interação verbal mediadas pelos gêneros.

No que toca outras interações, ilustramos uma que acontece entre aluno e aluno, mediado pelas multimídias a exemplo do *tablete*, *netbook*, *ipod* e tantas outras ferramentas digitais. A essa interação nós chamamos de não institucionalizada por não ser autorizada pela instituição escola durante as aulas. Entretanto, essas mesmas mídias, ou semelhantes, são trazidas pelo professor para dinamizar as

suas aulas e nesse sentido é um recurso autorizado para aquela interação; por essa razão, ao contrário da primeira, é uma interação institucionalizada. Em síntese: os recursos midiáticos só são autorizados nas interações em sala de aula quando há uma finalidade pedagógica.

Assim, essa dinâmica da interação em sala de aula é tecida por inúmeros fios, numa teia ininterrupta de atos de falas. Se as interações verbais em sala de aula têm como suporte os gêneros do discurso, tais gêneros buscam na palavra um apoio substancial; o porquê da escolha entenderemos na próxima seção, na qual discutiremos o poder da palavra, a partir das discussões do Círculo.

### **3. A PALAVRA NO INÍCIO, NO FIM, NO MEIO... DE TUDO**

Discutir sobre palavra não é algo simples, sobretudo se tomarmos como ponto de partida os estudos científicos, pois tais estudos têm inúmeras correntes conflituosas. Por um lado “A palavra tradicionalmente foi tratada de forma abstrata, desvinculada de sua realidade de circulação e posta como imanente de significados captados pelo olhar/ouvido fixo do observador.” (STELLA, 2008, p. 177) e “nos trabalhos de M. Bakhtin e de seu Círculo não somente a palavra, mas também a linguagem em geral, é concebida e tratada de outra forma, levando-se em conta sua história [...] especialmente a linguagem em uso.” (STELLA, 2008, p. 178) Assim sendo, é pela segunda exotopia que discutiremos sobre a palavra.

Pelo exposto, podemos entender que o olhar bakhtiniano sobre a palavra é um olhar de contraponto. Enquanto numa visão estruturalista ela se faz entendida por si mesma, em Bakhtin ela só pode ser entendida se levarmos em conta o território que habita. Seu funcionamento só pode ser interpretado diante da situação histórica concreta, ou seja, diante de uma interação verbal.

Em Bakhtin, a palavra é vista como ideológica por excelência. Nesse sentido, destacamos que, diferentemente da corrente estruturalista, a palavra nos estudos bakhtinianos / em seus estudos está diretamente relacionada à vida, ela é parte do processo interacional entre locutor e interlocutor, ela é o território comum entre eles. Todas as vezes que usamos a palavra imprimimos-lhe um tom intencionalmente, pois sempre atribuímos valores ao que dizemos. Esses valores são compartilhados histórica e socialmente pelos sujeitos em interações verbais. É no momento em que esses valores são avaliados pelos sujeitos da interlocução que se trava um diálogo com os valores da sociedade “São esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor” (STELLA, 2008, p. 178). Tais valores se originam de “um processo de interação na realidade viva.” (Idem)

Na sala de aula, vimos acima, que o processo de interação verbal é complexo, ainda que dinâmico. Compreendemos que as interações se dão sempre via formas

típicas de enunciados (BAKHTIN, 2011), ou gêneros discursivos, e a palavra é inserida nesse projeto discursivo. Entenderemos como isso se realiza num estudo em sala de aula. Numa aula de Língua Portuguesa em que se discute o funcionamento do substantivo, há como sugestão de análise uma propaganda da *Coca-Cola*:



Figura 3<sup>19</sup>

O professor pode trabalhar com os seguintes substantivos da propaganda: Coca-Cola, Promoção e Felicidade. Cada palavra tem sua especificidade: a primeira é um substantivo composto, as outras são simples. Mas quais

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.fikdica.com.br/2012/04/promocao-coca-cola-2012-tampinhas.html>> Acesso em 09 dez 2012 às 10h33

delas são abstratas e concretas? Isso dependerá do caráter valorativo que o professor fixará a respeito de concreto e abstrato, mas não só isso, também dependerá de como as palavras são valoradas na interação verbal da propaganda. Sabemos que a Coca-Cola axiologicamente está relacionada à “coisa boa” e “prazerosa”. Não por acaso, temos na propaganda quatro palavras, cujos valores compartilhados dão a ideia de bondade e prazer são elas: Promoção, Felicidade e a própria palavra Coca-Cola e o adjetivo retornável. É nesse sentido que a noção da palavra como “objeto axiológico” em Bakhtin é concretizada, pois o que circula nas palavras são os valores agregados a elas historicamente e um exemplo é a palavra “retornável” que ganhou espaço e atenção privilegiados em muitas sociedades.

Ainda com respeito à interação verbal em sala de aula e a palavra, destacamos que nos gêneros discursivos o lugar da palavra é protagonista, porque media a relação eu x outro. Como afirmado em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, a palavra é a ponte entre eu e o outro; é definição do eu em relação ao tu porque é a partir dos valores circundantes a ela que construímos uma relação, de igualdade, superioridade ou de inferioridade. A todo tempo e em todas as disciplinas curriculares, a palavra está lá mediando conceitos, ampliando ou estreitando horizontes e concretizando atos. É na aula de Geografia que fixamos o valor de Norte e Sul; é na disciplina de Matemática de = que confirmamos o jogo da multiplicação e tantas outras operações; em Biologia, entendemos o sentido

orgânico da vida; em História, validamos os heróis e algozes; na Literatura, consagramos autores, ao mesmo tempo em que negamos outros; e, em Língua Portuguesa, potencializamos o poder da palavra.

Em uma pequena problemática acerca de aspectos formais da língua russa, desenvolvida por Stella (2008), ficamos diante de um raciocínio fascinante. Stella evidencia que o termo “palavra” é gênero neutro na língua russa, em português neutro pode ser entendido como meio ou comum. Essa neutralidade confere à palavra a potencialidade de valor inesgotável, ou seja, ela não se nega a assumir nenhum valor, isso dependerá das relações que se estabelecerem entre os sujeitos no mundo concreto. Como meio, destacamos seu caráter mediador, pois é a ponte entre locutor e interlocutor. Essa mediação faz circular valores a serem fixados, ou rejeitados, ou mesmo ressignificados, mas não esvaziados, pois, se assim entendermos, voltaremos ao imanentismo da língua.

Da forma como a palavra é compreendida pela perspectiva abraçada, não podemos afirmar que é um termo que ocupa lugar de unanimidade, pois, se assim o fizéssemos, correríamos o risco de coadjuvar um pensamento que se realiza em espiral. Mas, certamente nas interações em sala de aula ela está no início, no fim e, principalmente, no meio de tudo. Carregada de valores, ela cumpre uma travessia axiológica contínua entre os sujeitos e as sociedades.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procuramos, com este texto, compartilhar com os nossos interlocutores a concepção de linguagem que foi desenvolvida pelo filósofo russo Bakhtin e seu Círculo. Buscamos um diálogo direto com professores do ensino básico por compreender que o trabalho com a linguagem que desenvolvem na escola é um exemplo da dinâmica discursiva defendida pelo Círculo.

A interação em sala de aula dá-se mediante atividade de linguagem concreta situada historicamente; por essa razão, a importância dos trabalhos com os gêneros do discurso, suporte fundamental para a comunicação humana. Outro ponto tocado foi a compreensão de que a interação em sala é um interação diversificada, sejam pelos inúmeros estudos com os gêneros, que pressupõem diversos tipos de interações, sejam pelas próprias interações professor – aluno, aluno – aluno, aluno – texto, aluno – espaço escolar.

A palavra nessa dinâmica destaca-se, ainda que não exclua outras categorias do pensamento bakhtiniano, pois representa os valores sociais que circulam entre os sujeitos. Tais valores passam por todas as disciplinas do currículo escolar, bem como em qualquer interação social. É nesse sentido que se afirma que a palavra é signo ideológico por excelência. Numa simples aula de substantivo, percebemos o quanto de valores transmitimos para nossos alunos, tais

entendimentos são resultados históricos de relações entre sujeito e sociedade.

Num jogo metafórico, podemos dizer que palavra é ponte, cujos veículos são axiologias sociais; dessa forma, o lugar da palavra na sala de aula é sempre um lugar de destaque. Buscando no repertório social a interpretação do termo destaque na publicidade, “Promoção”, entenderemos a razão pela qual usamos esse termo para valorar a palavra.

### **REFERÊNCIAS**

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos do estado. 3ª ed. Lisboa: Presença, 1980.

BAKHTIN, M. (VOLSHINOV, V.N.). Marxismo e filosofia da linguagem. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

Bakhtin, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad.: BEZERRA, Pedro. 6ª ed. São Paulo: wmf, 2011.

BAKHTIN, M. Para uma filosofia do Ato Responsável. Trad.: MIOTELLO, V.; PONZIO, A. São Carlo – SP: Pedro & João Editores, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: parábola, 2009.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, Beth. Conceitos-chave. 4ª ed. São Paulo: contexto, 2008.